

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
LUD. F4D000664

Um "papo" informal :-

R. - O que o senhor acha sobre a pretendida integração do índio, sua emancipação, etc. ?

JM.- Temos várias definições onde se procura colocar o índio em face do seu contato com a nossa sociedade. Assimilação - Aculturação ou Mudança de cultura são definições científicas. Outros falam em índio integrado ou deprivado e índio integrado ou alienado, e por aí vai. Integração seria somente mais uma se não fosse uma definição de fundo político.

Uma definição, sem dúvida utópica, seria quando a comunidade nacional envolvente aceitasse a comunidade indígena e não o índio, de igual para igual, sem preconceitos. Mas, enquanto houver as diferenças que conhecemos, do bugre, do caboclo, essa pretendida integração será, quando muito, uma piada.

Receber a comunidade indígena de igual para igual, não é, obviamente, recebe-la como marginal. - É preciso que se entenda que, entre essa gente e nós há um espaço enorme. São milênios que nos separam. Não me refiro aos quatro séculos da chegada dos "descobridores". Refiro-me do que se tem notícia pelas pesquisas arqueológicas que vêm desvendando pouco a pouco o quase nada que conhecemos sobre as gentes que aqui habitavam. É patente a diferença. Da nossa avançada tecnologia, do grande desenvolvimento material da nossa época à cultura desses povos, primitivos, mas felizes, não há termos de comparação. Acredito na possibilidade de uma integração a longo prazo. Esse processo será lento, mas terá êxito se levarmos em conta a necessidade do índio levantar-se na sua própria cultura, suas tradições, e que possa conviver com a nossa sociedade, em paz, integrando-a se lhe interessar, mas sobrevivendo, organizando-se como nações, como o foram, pequenas que sejam, mas respeitadas por nós.

Eles devem começar acreditando neles mesmo e daí, então, partirem em busca de uma vida melhor. - A nós cabe, em princípio, garantir-lhes a terra necessária para o seu desenvolvimento progressivo, da muita que lhe tomamos, e dar-lhes tratamento para as enfermidades que nossa civilização lhes transmite.

Veja que falo em comunidade indígena, como um todo, não me refiro a um ou outro índio que, fora da sua aldeia, do seu povo, haja conseguido conviver na nossa sociedade. - Não é lícito nos basearmos em exceções, porque são exceções, para uma feliz execução da política indigenista.

Quatro séculos de experiências fracassadas estão a exigir de nós uma tomada de posição mais humana, mais digna. - E fracassaram porque nós sempre lhes ditamos as regras do jogo. - Os seus líderes, e eles os têm, devem ser ouvidos, suas reivindicações analisadas tendo em vista o interesse do grupo e não o nosso. - Sofismas, demagogia, interesses subalternos, não resolverão esse decantado problema indígena. Afinal, a tão badalada - auto determinação dos povos - os direitos humanos, não são meras frases de efeito. São válidas, também, para eles índios, tanto quanto para nós.

R - Então, o problema da terra é o de maior interesse para o índio, não é assim ?

JM.- Terra não é problema somente para o índio. É problema que aflige à todos os povos, continua dor de cabeça de seus governantes, desde que o mundo é mundo. - É problema básico que toca a todos. - Com relação ao índio é, antes de tudo, sobrevivência. - Levando tremenda desvantagem contra um povo possuidor de armas mais sofisticadas, e de uma boa dose de molestias infecto contagiosas, que líquida, reduz aos primeiros contatos, a garantia da terra é urgente.

Estou sempre repetindo que não é possível, que em um país com mais de oito milhões de quilômetros quadrados não haja lugar para abrigar uns cento e poucos mil índios, remanescentes de quem aqui já moravam quando chegamos.

Creio que é este o momento para que a Funai, CNBB, o Cimi, e quem mais seja, se unirem, aparando possíveis arestas, conjugando esforços, para poderem enfrentar com vantagem o grônico inimigo, que sempre se apresenta sob os mais variados disfarces e isto há quatro séculos.

Mas não há de ser com guerrinhas de bastidores, com críticas quase sempre inconsequentes, que resolverão a situação, cada vez mais grave.

Sei que a Funai atualmente, dentro das suas possibilidades, apesar das costumeiras e conhecidas pressões está procurando normalizar a situação das terras dos índios, demarcando-as, retendo intrusos, rendeiros, grileiros, etc.- A par disso, segundo informam, está procurando dar melhor e maior assistência médica.- Terra e saúde, como vê, são urgentes e devem estar sempre em primeiro plano.

É um trabalho a longo prazo, assim como o desenvolvimento comunitário, a instrução bilingue, e tudo o mais que possa levar o índio a nos ver de forma diferente e a confiar no seu futuro. -

É possível que existam erros, alguns senões passíveis de crítica. Mas é o lado positivo de uma administração que deve ser julgado antes de tudo, assim como devemos aceitar a nova posição da Igreja, ou melhor, de certas Missões católicas, sentindo o problema sob ponto de vista mais científico.- Erros existem, mas devem ser apontados como crítica construtiva. É muito fácil, muito comodo, a posição do livre atirador, de quem está na plateia... -

O grande desafio, tanto para os Órgãos do Governo como para as Missões, é o de tirar da marginalização, os diversos grupos que são tidos como integrados, como os índios do Sul, os do Nordeste, e alguns da Amazonia.

É preciso fazer que eles aceitem as nossas técnicas naquilo que lhes interessar, mas que não percam a sua cultura, suas tradições, sua língua, sua vida enfim, pois também é esse o nosso esforço quando nos defrontamos com povos mais desenvolvidos.

R. - Há uma campanha quase que sistemática contra a FUNAI, como ontem contra o S.P.I., quais as causas ?

JM. - Essa campanha não é bem contra a FUNAI nem contra o antigo SPI. Essa campanha é movida por interesses contrariados e sobre isso xx parece que já me referi. - Cobiça as terras é a resposta. E vêja bem que essa campanha também atinge alguns setores da Igreja, justamente aqueles que tem sua zona de ação nas áreas onde se fazem sentir a luta pela posse das terras.

Terras devolutas, latifúndios improdutiços, negociatas de terras, - sempre incomodam alguns grupos e daí a represalia. - Pedras são atiradas contra as árvores que dão frutos... -

R. - Quando procuravamos o seu endereço nos disseram que seria possível encontra-lo no Museu do Índio, está trabalhando lá ? -

JM. - Não. Vou lá algumas vezes em busca de informações, de dados bibliográficos para uma pesquisa que estou fazendo. -

Ja que falou em Museu do Índio não se sabe que foi na minha gestão de diretor do S.P.I. que ele foi inaugurado, em 19 de abril de 1953. A sua criação, entretanto, deve-se ao Prof. Darcy Ribeiro que, na época, chefiava a Seção de Estudos a quem o Museu estava subordinado. - Daí para cá tem passado por altos e baixos, ao sabor de diversas administrações, nem sempre técnicas e muito menos - interessadas - Tem conseguido sobreviver por um autentico milagre.

Quem passar pela rua Mata Machado, no Maracanã, não tem a menor idéia de que, dentro de um casarão em ruínas, exista um Museu. - Dizem que museu é cultura e lá está o Museu do Índio com um pequeno grupo de abnegados, talvez teimosos, mas devotados, com inexcedível amor pelo trabalho que executam. Do seu diretor ao servente essa gente trabalha quase que anonimamente.- Tem sua compensação ao sentirem o interesse de um grupo de estagiários, universitários, alunos de diversos graus, que lá vão em busca de melhores conhecimentos, sobre a vida e costumes dos nossos índios.

Esse é um setor, acho eu, que precisa de maior apoio das autoridades. Visitem-no, procurem conhecer a coleção etnográfica, a biblioteca especializada, filмотeca, setor fotografico, de cinema, de som, e o que se está fazendo no futuro Centro de Documentação, e se capacitaram de que há algo que não deve morrer, mas ser prestigiado, dando-lhes todo o apoio que merecem não só pelo grupo de abnegados, mas pelo enorme acervo que está sob sua guarda.

R.- O senhor já ocupou vários cargos e funções no S.P.I., CNPI e Funai, é indigenista, antropólogo ?

JM.- Ocupi diversas funções e cargos no SPI e CNPI até quando me aposentei em 1963. Mais tarde, na Funai, ocupi cargos de confiança. - Não sou antropólogo nem me considero indigenista. - Fui tudo isso sem ser. Se o fosse talvez não tivesse sido....- Quero adiantar, entretanto, que jamais perdi a quem quer que seja para exercer funções ou cargos. Sempre os exerci consciente das minhas responsabilidades, não fungindo a luta fosse onde fosse, lutando e ainda láto por uma causa que julgo justa. - Em suma - procurei servir, sem ser servil. -

R. - Teria algo mais a nos declarar ? -

JM.- Não. Respondi o que me perguntou. - Mas fique certo de que a nossa sociedade já está com problemas demais. - Manor abandonado, favelado, desnutrição, poluição, assaltos, e tanta miséria mais, que se me afigura fora de propósito querer meter o índio ou estender até ele esse pandemônio, que é a nossa paradoxal civilização. - Ele vive feliz, sua vida é simples, pura sem problemas, Por que complicar as coisas ? -

01.10.77

FOLHA DE S. PAULO

Domingo, 20 de agosto de 1978

OPINIÃO — 1.º caderno — 3

A Palavra do Leitor

Terras indígenas

Com relação à entrevista por mim concedida a Isa Cambará, da Sucursal do Rio, e publicada na "Folha de S. Paulo" desta data, (13), pág. 18 do 2.º caderno, espero merecer de Va.Sa. alguns reparos.

"a) Não sou professor, não sou antropólogo e, em consequência, o prof. Darci Ribeiro não foi meu aluno. Ele foi, isso sim, um eficiente colaborador quando dirigiu então SPI de 1951/54, fazendo parte de uma equipe que contava com Eduardo Galvão, Noel Nutels, já falecidos, Roberto Cardoso de Oliveira, atualmente na Universidade de Brasília e na parte administrativa Vital Ribeiro Gomes.

"b) Considero a administração do general Ismarth de Oliveira a melhor de quantas teve a Funai desde a sua criação. E, com relação a demarcação de terras, assunto que venho acompanhando com interesse, eu não faria a injustiça em declarar "o desleixo em demarcar as terras indígenas...". O que sei é que se tem procurado regularizar, demarcando, registrando, expulsando intrusos, etc. E, se falhas existem, se devem à falta de recursos, uma vez que não têm sido fornecidos os meios para que possa cumprir as suas obrigações nesse setor."